

# **ANEXO III**

## **Texto da Peça**

Mestrado em Artes Cénicas  
Área de Especialização em Interpretação e Direção Artística

Um monólogo visitado enquanto percurso performativo entre o devir artístico e a vida  
profissional e pessoal do sujeito

Alexandrina – Um lugar comum

*O texto do monólogo com indicações de cena e indicações de referências **diretas** e indiretas  
ao arquivo teatral do sujeito.*



Anabela Salgueiro N. Ribeiro

**2018/2019**

## **Cena 1 – Apresentação**

*Entra de bicicleta*

Boa Tarde! Olha, já trouxeram as coisas. Posso pôr aqui a bicicleta?

*Coloca a bicicleta no suporte.*

Mas isto ainda tem de ser arrumado, não fica assim, pois não? Posso pôr esta cadeira aqui?

*Muda uma cadeira de sítio. Senta-se.*

Ai, estou tão nervosa. Eu sei que é só uma conversa ainda. Mas estou nervosa.

Senhor Vítor, ouve-se aí a minha voz? Falo mais alto? Sen-hor Ví-tor!

Ah? Diga? Está bem, eu aqueço a voz primeiro.

*Levanta-se. Faz alguns exercícios com a voz.*

Diga? Sim o menino Diogo pode ajudar-me a aquecer a voz.

Espere que vou aí dar-lhe uns beijinhos primeiro. Ai, o menino está lindo hoje. Vamos lá?

*Faz escalas com a voz.*

Pareço uma cana rachada. E eu que achava que cantava bem quando era miúda. Ai Jesus!

*Pigarreia. Silêncio durante algum tempo.*

Espere, tenho de beber água.

*Tira uma garrafinha do saco. Bebe água.*

Só um bocadinho vou à casa de banho.

*Sai de cena e volta a entrar. Senta-se na cadeira.*

A professora ainda não chegou. Não é melhor esperar por ela? Ela tem de estar a horas, não é? Então posso ir falando para treinar? Depois, quando ela vier, já falo melhor. Ainda só escrevi um bocadinho do que ela pediu. O resto são só ideias. E o menino Diogo ainda tem de pensar na música, não é? E o senhor Vitor nas luzes, não é? Como é que se chama isto que estamos a preparar?

**Pianista: É um melodrama. Teatro entrecortado com música.**

Isso! Estou tão nervosa! Uma coisa é fazer teatro com o grupo outra é estar para aqui, sozinha no palco. Não sei se vou ter coragem depois.

**Pianista: Vai sim!**

Acha? O melhor é ir falando das coisas que me vieram à cabeça. Eu sei que não tenho de me preocupar, mas preocupo, porque já agora gostava de fazer uma coisa em condições.

*Levanta-se e vai mais para a frente do palco.*

O teatro sempre me puxou, não sei. E os meus filhos saíram todos a mim, ‘teatreiros’! Um deles até anda no grupo de teatro da Universidade, o mais novo.

*Para o pianista.* Como é que se chama aquele o grupo?

**Pianista: É o Gretua.**

E não é que resolvi ir também para o teatro? Agora, depois de velha?

**Pianista: Não é nada velha!**

Ai não sou velha...o menino é uma joia.

*Volta novamente para a frente do palco.*

Este grupo ensaia às terças aqui pertinho de minha casa. Teatro e expressão dramática para todos, como diz a professora. Ela costuma dizer, a propósito de uma peça que viu quando era nova:

“...(não existe isso de uma linha que separa, a parte superior da classe média inferior da parte inferior da classe média superior...)”

*(Frases da peça Zoo Story de Edward Albee, Gretua, 1986, quando entrei para o grupo)*

Ou seja, acho que ela quer dizer que por vezes não vamos a certas coisas e a certos sítios porque achamos que não encaixamos bem. E isso não é muito justo. Por isso lá fui.

Se o meu Policarpo me visse agora. Que Deus o tenha, rezo todos os dias pela sua alminha. Tenho pena que ele se tenha ido.

Teatro...eu podia lá fazer tal coisa no meu tempo. Se calhar até podia, mas nunca me deu para isso, nunca me atrevi. Fico nervosa só de pensar que os meus filhos vêm ver...O mais novo já me disse que se for para ver a mãe a fazer figuras em cima do palco, não vem. Eu sei que ele está a brincar.

Seja como for tenho muito para dizer. A professora tem razão, há mil histórias à nossa volta, todos os dias. Paisagens que nos inspiram. Por vezes fico esquecida a olhar para o por-do-sol. Isso nunca me acontecia. E também me lembro mais das histórias que se passaram comigo, há muito tempo. E depois há tanta coisa que se passa por aí e que nos aborrece.

*Volta para junto do pianista.*

Também podemos falar sobre isso, não é?

Acha que conte também os meus sonhos?

**Pianista: Acho!**

Mas são tão amalucados que ninguém vai perceber nada, não é? Não sei onde é que vou buscar aquelas coisas. Vamos lá a ver se os consigo escrever. O meu filho vai ajudar-me a escrever o texto. Olhe o bocadinho que já está é assim:

*Vai buscar o papel ao seu saco e lê, à frente.*

Sou a Alexandrina

Moro ali naquela esquina, naquela rua ali ao lado.

Carrego a minha vida como se fosse um fardo.

Mas ultimamente ele anda mais leve. E o meu sangue ferve.

Gosta?

**Pianista: Gosto, ainda pode melhorar, mas gosto.**

E vai melhorar! O Policarpo que me perdoe, mas a fervura de que falo não é uma fervura daquelas que a gente sabe. É de outra lavra, também vem de dentro, mas vem de outro sítio da alma.

Gosto tanto de andar neste grupo de teatro. Se pudesse tinha começado mais cedo. Mas o meu Policarpo nunca me teria deixado ir para o teatro.

## **Cena 2 – O Policarpo, caixeiro viajante**

Temos de pensar nas roupas para o melodrama, não é?

*Vai para junto da roupa e começa a mexer e a experimentar. Vai vestindo.*

O meu Policarpo era caixeiro-viajante. Andava de terra em terra. Por vezes estava dias sem vir a casa.

*(A morte de um Caixeiro Viajante de Arthur Miller. Gretua, 1993)*

Quando vinha ficava calado durante horas. Se calhar tinha uma amante. Ou várias. Nunca soube, mas também nunca quis saber. Mas mesmo assim imaginava. Imaginava o que diziam um ao outro.

*(Texto da peça O Café de Fassbinder, a partir de Goldoni. Gretua, 1990. Peça em que entrei como atriz)*

**Leandro: Abraça-me as pernas. Quem é puta há-de ficar sempre puta.**

**Lisaura: És tão forte. Tão grande. E baixas os olhos para mim.**

Leandro: Eu devia corrigir-te. Nunca poderei esquecer as sombras do teu passado. Não é puro o que agarro de noite, uma exalação de podridão desprende-se de ti, e é carne estragada o que tenho nos braços, uma pele escurecida e murcha.

Lisaura: Que estás a dizer meu querido? Vais conseguir esquecer.

**Pianista: Está muito atrevida Dona Alexandrina.**

*Atrapalha-se com a observação dele e sai da cama. Continua junto da roupa e troca de roupa.*

Agora já não tenho medo de ser atrevida. Já lá vai o tempo em que só obedecia. A minha mãe dizia sempre que a esposa deve obedecer ao seu marido. E dizia-me ela: “A tia Alzira também era levada da breca e respondona (uma fera!) e o marido acabou por vergá-la à sua vontade”. E dizia que a tia Alzira, depois de aprender a obedecer ao seu marido, estava sempre a pregar:

*(Texto da peça ‘A Fera’ de Charles Marovich, a partir de a Fera Amansada de Shakespeare. Gretua, 1989. Peça em que entrei como atriz).*

“Sinto vergonha que as mulheres sejam tão loucas ao declararem guerra quando deveriam estar de joelhos a implorar paz; ou que pretendam governar e mandar, quando devem servir, amar e obedecer”.

“Humilhai-vos, pois, e colocai as mãos debaixo do pé do vosso marido; se ao meu lhe apraz, a minha mão está pronta a dar-lhe essa prova de obediência”.

**Pianista: As mulheres têm de lutar, lutar sempre Dona Alexandrina.**

Pois têm. Coitado do meu Policarpo. Ele não era dos piores.

*A despir a roupa e a continuar a mexer na roupa.*

Ai, tanta coisa bonita e que eu já não posso usar.

**Pianista: Claro que pode.**

*Vai para junto do pianista. Senta-se.*

Sabe que idade tenho? 64 anos. Nasci numa aldeia a 20 minutos de caminho de carro e a uma hora de comboio. Há lá um museu de comboios numa antiga estação. Os meus pais sempre trabalharam nessa estação e na agricultura. O meu marido conheceu-me num bailarico lá da terra e quis casar comigo. Trouxe-me para aqui, não foi mau, não fiquei muito longe de casa. Aqui também tenho um quadrado de terreno e cultivo lá os meus legumes. Desde que o meu Policarpo se foi dedico-me mais à minha horta. E agora ao teatro.

O meu pai veio de Belmonte. Os seus irmãos vieram quase todos para aqui menos uma tia, a tia Gertrudes, que emigrou para Inglaterra. Vinha todos os verões e contava-me muitas histórias.

Às vezes penso na vida destes emigrantes. Tantas famílias desfeitas porque vai cada um para seu lado. Tantos que se foram embora. Em barcos e em comboios. Para a América, para o Brasil, para a Venezuela, para França, para todo o lado. E é precisa tanta gente boa para tratar desta terra como deve ser. Não só no campo, mas também nas cidades. Olhe, mas assim como saem, também entram. Pode ser que isto equilibre.

*Vai à frente do palco.*

Uma vez o Policarpo disse-me que queria ir para a América. Eu disse-lhe logo:

*(O Incrível Sonho do Rapaz Bicicleta, peça que escrevi e encenei no CETA - 2015 – sobre crises económicas e migrações.):*

Queres ir para a América? Eu já sei como é que era. Conhecias para lá uma ‘amaricana’ e depois olha.

E ele disse:

Ora mulher, eu gosto é de ti.

*Para o pianista.*

E eu acreditei, o que podia eu fazer?

E acabou por ficar, ainda assim. Nos primeiros tempos ainda vendeu bolacha americana pelas praias. Olhe, andava com uma bicicleta parecida com esta.

### **Cena 3 – Alexandrina a sua vida diária e os transportes**

*Alexandrina dirige-se à sua bicicleta pasteleira, que está em palco num suporte e pega nela. Começa a pedalar. Dá umas voltas ao palco, dizendo, ‘bolacha americana’, ‘bolacha americana’. Para junto do pianista.*

Olhe para esta bicicleta. Não é bonita? É como um cãozinho. Só lhe falta falar.

Menino Diogo, gosto muito dessa música.

**Pianista: Gosta? Agora temos de a ajustar ao texto que escrever.**

Falta saber se eu consigo escrever o texto, porque música já temos!

*Desmonta da bicicleta e vai até à paragem de autocarro.*

Já trabalho há 40 anos para aquela patroa. Nunca tirei a carta. Pego na minha bicicleta e vou de casa até à paragem de autocarro.

*Encosta-a à paragem. Diz este texto junto da paragem. Vai limpando a bicicleta.*

Nunca me dói nada a andar de bicicleta, é como se ela fosse outro esqueleto debaixo do meu. Com os ossos todos à mostra.

Antigamente era mais fácil andar de bicicleta. Agora é só carros. Eu agora tenho de ter cuidado, já fui parar à valeta várias vezes. O que vale é que a minha pasteleira é forte. É como eu.

Os miúdos de agora, ainda não largaram as fraldas e já andam de carro. Depois quando chegam a velhos é só dores nas costas. Há carros a mais.

Os turistas ficam admirados por andar tão pouca gente de bicicleta nesta terra.

*Vai tirando o saco da rapaz bicicleta, da bicicleta. Poe boné e cachecol. Admira a sua bicicleta.*

Às vezes sinto que conseguiria dar a volta ao mundo em cima dela, como alguns deles. Sempre a pedalar. Põe-me bem-disposta imaginar essa volta ao mundo. Dá-me paciência para esperar pelo autocarro que por vezes demora muito. Isto está cada vez pior.

*Tira a maçã.*

Por isso, levo sempre uma maçã no bolso para roer enquanto espero pelo autocarro na paragem.

*(O Rapaz Bicicleta – peça que escrevi e encenei no CETA - 2013):*

Tenho sempre tanta fome que parece que trago uma bicicleta cá dentro, sempre a pedalar....por isso trago sempre algumas maçãs de casa, não vá o raio da bicicleta começar a pedalar assim de repente!....hummmm deliciosa! Já experimentaram comer assim uma maçã?....hum.....quase se sinto as vitaminas a entrar no meu estômago, a passar para o meu sangue....ZZZZZZZZ a correrem por aqui fora e as minhas pernas a ficarem mais fortes....o meu coração a bater mais certinho.....hummmm que maravilha!!!

Até me apetece cantar (*Cantarola*)

Uma maçã ao almoço

Uma maçã ao jantar

Um cachecol ao pescoço

E umas pernas para andar

Dois girassóis e um tremçoço

Isso para acompanhar

Uma maçã ao almoço

Uma maçã ao jantar

Um coração de alvoroço,

um pé coxinho lunar.

Uma maçã ao almoço

Uma maçã ao jantar

*Acaba de roer a maçã. Tira chapéu e cachecol e guarda de novo a sacola na bicicleta.*

Vou roendo enquanto espero. Há poucos autocarros. Tenho de me levantar às seis da manhã para apanhar o que me dá para ir a horas.

*Vai novamente até à roupa. Veste a roupa do ‘político’.*

Os políticos. No fundo, todos sabemos o que eles querem. E às vezes imagino o que alguns deles devem dizer, do alto das suas cadeiras. Sim, porque eles parece que estão sempre mais altos que nós. E as mulheres deles...eu bem sei que elas gostam de todo aquele poder.

*Sobe para cima do banco.*

*(Falar Verdade a Mentir de Almeida Garret – peça que encenei no grupo de Eixo em 1999):*

Um lugar magnífico...daqueles muito rentáveis e pouco trabalhosos! Pode-se andar muito caminho em pouco tempo! (...). Ri-se a gente e vai-se arranjando a vida!

*Afinal quem é o Frank? Peça onde participei como atriz, primeira peça da Efémero em 1996)*

Nós te guiaremos ao trono. Não interessa onde nem o porquê...Conduzimos teus olhos para paisagens que até aqui julgarias irreais, apenas concebíveis nos sonhos ou em delírios...

### **Pianista: Isto já não muda Dona Alexandrina.**

*Vai mudando de roupa e vai falando. Tira roupa de político e veste roupa de rapaz ‘de antigamente’.*

Talvez já não mude. Ou talvez mude um dia, quem sabe. Diz-se que vão dar mais condições a quem anda de bicicleta e eu não vejo nada. Não é possível andar de bicicleta em segurança, nem nesta cidade nem nos arredores.

*Vai novamente até à bicicleta.*

Linda, não é? Gostava de ter sido mecânica de peças de bicicleta. Tinha essa mania em miúda. Gostava de desmontar esta bicicleta, peça por peça e depois voltar a montá-la. Ajudava-me a pensar melhor na minha vida. E depois podia fazer um mercado de troca de peças de bicicleta. Como havia antigamente. Quem quer uma roda? Quem quer um pedal? Se não me comprassem as peças, dava-as.

*(Teatro de rua no dia da cidade sem carros em Aveiro – 2001 – vestida de rapaz dos anos 30, venda – dádiva de peças de bicicleta velhas na rua).*

Quando era pequena andava sempre de bicicleta, numa bicicleta duas vezes maior que eu.

*Vai dar umas voltas pelo palco de bicicleta e pouso-a no suporte. Vai até ao pianista.*

Também gosto muito de comboios. Se tivesse estudado, gostava de ter sido maquinista. A minha tia Gertrudes, que emigrou para Inglaterra diz que durante as guerras os homens iam para a tropa e as mulheres começaram a trabalhar nas fábricas. E faziam o trabalho dos homens na perfeição. Também devia haver mulheres maquinistas não acha?

*Vai para a frente.*

Bastava a quarta classe para ter sido outra coisa, mas eu nem isso tirei. Era costume sabe, só alguns iam estudar, normalmente rapazes. O dinheiro não dava para todos.

Gostava de ter emigrado para Inglaterra e gostava de trabalhar na área dos transportes. Acho que já percebo qualquer 'coisita' do assunto. Sei muito sobre bicicletas, andar de autocarro e andar a pé. Sobre carros sei pouco. Só sei que me estorvam.

*Vai até à paragem.*

Se eles soubessem o que é andar de autocarro nesta terra. Andam para aí de cu tremido nos seus carros e não percebem nada do assunto. Já o meu cu chocalha bem em alguns autocarros. Ando aqui tão dorida da minha ilharga, que não faz ideia.

*Vai até ao pianista.*

Devia haver mais comboios e autocarros com qualidade e melhores ruas e passeios. De certeza que não havia tantos carros.

Esta é uma ideia importante, vou apontar, tal como a professora pediu.

*Vai até à cadeira onde tem o saco com o seu livro.*

Tenho aqui o meu livrinho para apontar as minhas ideias.

*Tira parte da roupa de rapaz. Muda a cadeira de sítio e senta-se nela. Começa a escrever.*

## **Ato II**

### **Cena 4 – A viagem de comboio**

No outro dia fui de comboio visitar uma amiga. Há tanta coisa para prestarmos atenção numa viagem de comboio. Claro que não me ponho assim a olhar descaradamente para as pessoas, mas vou olhando discretamente. E tirando uns apontamentos. A minha letra até está a melhorar um bocadinho.

Entrei no comboio. Sentia-me cansada e pesada, mas ao mesmo tempo sentia-me leve por dentro, de papel e caneta na mão.

### **Pianista: Porquê?**

Sei lá. Não se explica.

À minha frente, sentada, ia uma rapariga que tinha trazido a bicicleta. Fiquei a admirá-la. Olha, agora deixam levar bicicletas no comboio, nas carruagens de passageiros, pensei eu. A rapariga não tirava os olhos do telemóvel. Esta gente que não tira os olhos do telemóvel. Novos e velhos. Vão ficar todos marrecos. Parece que perderam alguma coisa, sempre a ver se a encontram no ecrã do telemóvel! Estas tecnologias já não são para mim.

Mas se fosse nova não comprava um telemóvel. Dava a volta ao mundo, de bicicleta, à procura da felicidade. Como naquelas peças que vou ver com os meus netos àquele teatro lá em baixo no canal, como se chama?

*(Agustina e a Felicidade – peça de teatro que escrevi e encenei no CETA, 2016; Peer Gyth que encenei na Musa em 2017).*

### **Pianista: CETA**

E já agora como se chama este?

### **Pianista: Efémero**

Efémero...uma coisa que acontece e depois passa é isso? É como a vida, não é? Então temos de a aproveitar bem.

Mas não sei se é assim tão importante dar a volta ao mundo. Na verdade, às vezes sou muito feliz com os meus pimentos e os meus tomates, lá no quintal.

E a professora diz que também podemos viajar quando lemos.

*Levanta-se e vai andando para a frente do palco.*

Às tantas, a miúda do comboio à minha frente guardou o telemóvel e começou a ler um livro. Fiquei a olhar para ela.

Gostava de ter estudado, agora teria gosto e facilidade em ler qualquer coisa. E é preciso saber ler, saber desenlaçar aquilo que nos dizem, sem que nos tomem por bestas. É a educação que nos salva. E a educação ajuda na imaginação.

*Vai até à roupa novamente. Volta a mexer na roupa. Vai até ao armário. Tinha mantido a roupa de rapaz de antigamente. Veste camisola às riscas, casaco de marinheiro e chapéu de capitão.*

E como diz a professora, precisamos de imaginar mais para além do que vemos nas novelas. Dão-nos sempre o mesmo pacote, não é?

### **Pianista: É mesmo. Até a imaginação nos querem roubar.**

Pois é, hoje em dia até a imaginação nos querem roubar. Qualquer dia é o mar, a lua, vai tudo!

*Sobe para cima da cama.*

*(Roubaram a Lua de Jean Paul Alegre – peça que encenei no CETA, 1997)*

Capitão: Senhor Mestre Agulhas: é-nos impossível conter os manifestantes. Eles já sabem que foi o senhor que ‘requisitou’ as águas marítimas e oceânicas.

*Tira chapéu de capitão e casaco, e pega em chapéu de pirata e espada.*

*(Papiniano e o Pirata Torniquete malagueta – peça que escrevi para o CETA em 1998).*

Pirata: Sou o Pirata Torniquete Malagueta, o terrível dos sete mares. Roubo todos os tesouros, de todos os lugares. Venho mesmo para assustar e se for preciso... sei até ladrar: Auuuuuu!!! Desta vez o meu plano é o melhor. Roubar o mar inteiro, seja lá como for. Pego nas minhas espadas. E podem vir marinheiros, militares e armadas. Que ninguém me vence. Ninguém me ganha. E ninguém me convence, a perder uma batalha.

*Vai tirando a roupa enquanto fala.*

Se tivesse sido daquelas meninas a que os pais pagam os estudos, tinha feito um daqueles ‘Interrailles’ ou lá o que é, e tinha ido a Paris ver o Louvre e a Gioconda. Isso havia de me dar ideias. Ver arte e sentir arte faz-nos bem, dá-nos boas ideias, como diz a professora.

Também gostava de ir à Holanda onde dizem que anda toda a gente de bicicleta, pais, filhos e avós. Faça chuva ou faça sol e até quando neva.

Gostava de viajar, mas para isso já não tenho idade.

**Pianista: Deixe-se disso.**

*Vem à frente. Vai andando de um lado para o outro.*

Eu e o meu Policarpo pouco passeávamos. Íamos sempre ao paredão na nossa carcaça velha - o carrito que ele usava para as suas viagens - comer um pão com queijo, era essa a nossa volta. Nos dias bons ele ficava a pescar e eu aproveitava para dar um passeio na praia, mas era raro.

*Para no centro do palco.* A professora perguntou: E se fosse fotógrafa o que fotografava? E se pudesse viajar onde ia? Como ia? Pois bem. Se fosse para dar uma volta ao mundo ia de comboio e de bicicleta como aquela rapariga, e fotografava mulheres à janela de comboios. Ia a Paris ver a Gioconda e ia à Holanda ver as bicicletas. E havia de me lembrar de mais lugares e de mais coisas para fotografar. Só teria medo se tivesse de passar por países em guerra.

*Vai até à bicicleta. Pega na bicicleta e dá uma volta com ela. Pousa-a. Vai até ao pianista.*

## **Cena 5 – A imaginação a ferver**

A guerra dá cabo de tudo. Muitos emigrantes estão a fugir da guerra. Está sempre a dar nas notícias.

*Vai buscar um adereço para a cena seguinte enquanto fala. Um chapéu de trabalhador e uma corda de enforcado.*

Quem não tem dinheiro está sempre desgraçado. Que culpa tem quem não nasceu rico, nem tem jeito para roubar e trabalhou toda a vida? Que culpa tem ele de haver tanto dinheiro no mundo que não é dele?

*Sobe para cima do banco.*

*(Ascensão e Queda da Cidade de Mahagony de Brecht – peça que adaptei e encenei na Musa, apresentando-a na Efémere em julho de 2019).*

Agora estou a perceber: quando cheguei a esta cidade para comprar felicidade com dinheiro, o meu fim já estava traçado. Agora estou aqui, sem ter tirado proveito de nada.

*Vai tirar os adereços.*

Gostava de ter saído deste buraco e ter viajado pelo mundo. Enfim já não vou a tempo. Mas viajo com a imaginação. Isso ninguém nos tira. A professora está sempre a dizer isso.

*Vai até ao pianista. Senta-se.*

Se calhar não estou a dizer nada de jeito, mas olhe é com alma, é com amor.

**Pianista: Continue, estou a gostar.**

Desde que ando neste grupo sinto a minha imaginação a ferver. E por causa disso ando a escrever e a ...ler! E a imaginação cada vez ferve mais! Olhe aqui este livro que a professora nos deu, a Alice no País das Maravilhas.

*Vai buscar o livro, que tinha ficado na sacola junto à cadeira.*

Imagine que ela em vez de sair do buraco cai por ele abaixo e é lá em baixo que encontra o País das Maravilhas! É tudo ao contrário.

*Vai até à beira do palco.*

*(Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol – como atriz no Gretua em 1992)*

*Lê uma passagem do livro:*

Olhe o que ela diz quando vai a cair pelo buraco:

Se eu sobreviver, nunca mais terei medo de cair pelas escadas! Que distância percorrer? Será que me aproximo do centro da terra, como será do outro lado? Deve ser divertido ver as pessoas a andar de cabeça para baixo! Quando chegar lá pergunto o nome da terra, que agora não me lembro.

E olhe aqui, noutra parte do livro, há um gato que fala com a Alice.

Alice: Que caminho devo seguir para ir embora daqui?

Gato: Isso depende muito de para onde queres ir.

Alice: Para mim, acho que tanto faz. Desde que vá a qualquer lado.

Gato: Para que isso aconteça tens de caminhar muito.

Alice: Que espécie de gente vive aqui?

Gato: O Chapeleiro Louco e a Lebre de Março, também louca.

Alice: Mas eu não quero meter-me com gente louca!

Gato: Isso é impossível! Aqui são todos loucos. Eu sou louco e tu também.

Alice: Como podes saber se sou louca?

Gato: Só podes ser louca. Senão não terias vindo parar aqui.

E não fica por aqui, depois é só mais loucuras. Flores que falam e eu sei lá que mais. Nunca mais olhei para o meu gato da mesma maneira. E comecei a imaginar ... e se ele falasse? E se as flores do meu jardim falassem? E se as lagartas do meu jardim falassem? E se os anões de louça do jardim da minha vizinha, todos escaqueirados, falassem?

Por vezes imagino que dizem poesias como estas do livro, olhe aqui:

*(Alice do Outro Lado do Espelho que adaptei e encenei a outra na Musa-Efémero em junho de 2019):*

O sol brilhava sobre o mar, com raios certos, pujantes. Aplicava sua melhor arte, tornar as ondas coruscantes. E isso era estranho porque batera meia-noite pouco antes. A lua brilhava mofina, porque pensava que o sol, depois que o dia termina, devia se retirar. É muita indelicadeza, vir aqui me ofuscar.

Nem sempre compreendo o que está escrito, mas até comecei a ir ao dicionário e aponte aqui no livrinho:

Pujantes: “Que tem grande força; possante. Altivo. Viçoso.”

Coruscantes: “Que brilham muito.”

Mofina: “Infelicidade; má sorte; avareza; mesquinhez; mulher de mau gênio, irrequieta; mulher infeliz”.

Sabia que mofina era uma mulher levada da breca, mas não sabia que era tanta coisa mais.

*Vai andando pelo palco até se sentar na cadeira de novo. Guarda o livro.*

Agora que falei dos anões do jardim, lembrei-me da minha vizinha. Tenho pena dessa minha vizinha. Há tantas mulheres que levam tanta porrada dos maridos.

E esta minha imaginação que agora não para, também me fez imaginar esses maridos atados a árvores com um bocadinho de mel nos tomates numa floresta cheia de ursos.

**Pianista: Dona Alexandrina!**

*Fica um pouco atrapalhada.*

O que foi? Li num livro da minha neta que os ursos gostam de mel, é só isso.

*Vai até à frente do palco.*

Mas também gosto de imaginar uma história de amor numa estação de comboios, num sítio qualquer do mundo. Gente que chega, gente que parte. E de repente, dois olhares que se cruzam pela primeira vez e fazem faísca.

Por cima do quadro com os horários das partidas, está sentado um gato sorridente.

*Vai ter com o pianista.*

Acho que tinha jeito para escrever novelas, mas um pouco diferentes do que são agora. Novelas com gatos a falar. Acha que sou maluca?

**Pianista: Nem pensar.**

Se calhar sou. A vida é curta e se nunca nos atrevemos a ser um bocado malucos, não vale de nada.

Ai se o meu Policarpo me ouvisse a falar agora. Não digo que me batesse, que ele nunca me bateu.

Quando ele estava para fora, falava sozinha durante horas.

*Pega no saco que estava junto da cadeira, volta à cama e senta-se lá, tapada com a colcha.*

*(aqui assumo e represento o extrato da peça Dias Felizes de Samuel Beckett, que representei no CETA, inserido na peça que escrevi e encenei, e que incluía extratos-monólogos de mulheres escritos por vários autores masculinos- Mulheres).*

**Começa Winnie. Começa o teu dia Winnie.**

**Uh!.Uh! Pobre Willie. Já não dura muito tempo.**

**Enfim nada a fazer. Um contratempo. Mais um. Sem remédio. Nenhum remédio.**

**Procurar e tirar espelho do saco. Vê-se ao espelho.**

**Pois é, Pobre Willie, Bonito! Que chatice! Enfim nem pior, nem melhor, nem pior.**

**Vê dentes no espelho.**

**Na mesma, nenhuma dor. Quase nenhuma.**

*Pousa espelho e agarra escova.*

É isso que é maravilhoso acima de tudo....pura quê?

Pobre Willie. Sem gosto para nada....sem objetivos na vida.

Coitado do Willie. Só sabe dormir. Dom maravilhoso. Sem igual.

Na minha opinião. ...eu sempre disse. Tomara eu...verdadeira pura quê??

Quase cega. Enfim, já vi o que tinha a ver creio eu. Até agora. Como eram aqueles versos maravilhosos? Ai de mim que vejo aquilo que vejo. Abençoada luz....mergulho nas trevas....regresso à superfície...clarão ardente de luz infernal.

Uh! Uh! Maravilhoso dom! Tomara eu.

Não me posso queixar. Não, não devo queixar-me. Tantos motivos de gratidão, nenhuma dor, quase nenhuma, isso que é maravilhoso acima de tudo.

Orações talvez não completamente inúteis. De manhã à noite...solenemente garantida...verdadeira....pura quê?

Coisas velhas. Velhos olhos. Continua Winnie.

Uh! Uh! Maravilhoso dom. Tomara eu. Enfim cá estou. Nem melhor nem pior. Na mesma. Nenhuma dor. Por favor querido não voltes a adormecer. Tem paciência. Posso precisar de ti. Oh! Não é pressa, não é pressa. Mas não te enrosques todo outra vez ouviste? Um bocado em baixo apesar de tudo.

*Tira frasco.*

Estados depressivos, falta de vitalidade...inapetência...bebés...crianças...adultos...seis colheres de sopa rasas por dia. À moda antiga...antes e depois das refeições...melhoras imediatas...

*Olha para o público e bebe tudo de um golo.*

Ah sinto-me muito melhor. Já não dura muito. Enfim não me devo queixar.

É melhor pores as calças querido, não te queimes demasiado. Não achas? Ah....estou a ver que ainda tens um bocadinho de creme. Esfrega com força querido. Isso. Agora na outra. Ah! Vai ser mais um dia feliz.

*Pinta lábios.*

Lábios de carmim.

*Adormece por momentos. Depois sai dali, levanta-se e veste um casaco do marido.*

Ele quando vinha a casa pouco falava. Quando muito virava-se para a meu filho e dizia:

*(A morte de um Caixeiro Viajante de Arthur Miller. Gretua, 1991. Peça em que entrei como atriz.)*

Assim que tivermos um bocadinho de tempo temos de cortar aquele ramo grande que está por cima da casa, pode cair.

Mas nunca tinha tempo.

E o tempo foi-se.

### **Cena 6 – E se?**

*Volta à cadeira. Coloca a cadeira no centro do palco.*

Fartei-me de pensar nesta viagem de comboio que fiz para visitar a minha amiga. No meu Policarpo. No que foi a minha vida. No que podia ter sido.

Se tivesse sido atriz. Quem sabe, não é? Se vivesse em Lisboa ou no Porto e se tivesse estudado. Quem sabe? Mas isso são sonhos loucos.

Nunca me senti verdadeiramente mulher dona da minha vida sabe? Sempre trabalhei para os outros, patroa, marido, filhos.

Tive filhos lindos, mas já um pouco tarde. O meu Policarpo andava sempre a viajar e eles demoraram a vir. Um dia, disse ele em jeito de brincadeira:

*(Em busca de um Filho Perdido de José Geraldo, primeira peça para a Infância da Efémero, interpretei o filho perdido (literalmente perdido) e a sua mãe.*

Continuo a trabalhar (...) para o meu filho mais tarde sustentar. Ou devo para casa voltar, do meu ‘tangerinal’ cuidar e a minha (...) Alexandrina amar?

Depois lá nasceu a minha Júlia. Depois veio o Francisco. E assim foi.

*Levanta-se, decidida. Frente.*

Uma mulher que é mãe nunca mais é a mesma. Preocupa-se demasiado com tudo. Mas isso é o menos. Tenho pena de não ter sido uma daquelas mulheres independentes, como nos filmes.

Ai se o meu Policarpo me ouvisse agora. Não digo que me batesse, que ele nunca me bateu.

*Tira o casaco arruma-o. E começa a escolher nova roupa.*

Às tantas, nessa viagem de comboio adormeci e tive um daqueles meus sonhos malucos. De repente imaginei ser uma daquelas atrizes famosas, a Gina Lollobrigida ou a Sofia Loren. Com aqueles vestidos e aquelas meias. E a cantar como rouxinóis.

Rouxinol é que não sou, já disse, mas gostava tanto de cantarolar.

*Prepara-se para a cena de canto e utiliza a cadeira para isso.*

*(aqui enquanto falo, faço como se vestisse a pele da amante que representei em Le Nouveau Gygne de Pierre de Pascal Jouan (1988), ou a irmã Bianca em a Fera de Charles Marovich, ou em a Morte de um Caixeiro Viajante de Arthur Miller (1993), ambas no Gretua, ou a personagem 'Luxúria' que interpretei na peça de Graça Amaral, 'Sete Pecados Capitais' no Ceta, em 2016. E a peça 'Mulheres' também, a dança das cadeiras) Cena irreal, 'filmesca'. Ela canta uma das canções das aulas de canto. Tem um microfone? [https://www.youtube.com/watch?v=wUVk3ji0UnM&list=RDwUVk3ji0UnM&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=wUVk3ji0UnM&list=RDwUVk3ji0UnM&start_radio=1)*

*Terminada a cena de canto, senta-se na cama e tira os sapatos e massaja os pés.*

Gostava de ter ido para aquela escola de música que há perto da estação e aprender a cantar.

Ai a minha cabeça, que já não me lembro do nome.

**Pianista: É a MUSA.**

Enfim, mas já não vou a tempo.

**Pianista: Não diga isso que mania!**

*Vai para a frente.*

Eu sei que o tempo já lá vai, mas ainda dou a volta à cidade a pé toda bem vestida e airosa. Ainda corro isto tudo de lá para cá e de cá para lá.

Mas há muitas pedras no caminho. Não é fácil andar a pé. São os semáforos com muito de vermelho e pouco de verde, são as calçadas que escorregam, são os altos e baixos. Nesta cidade ninguém liga muito aos ciclistas e aos peões. E muito menos a quem tem um pouco mais de idade.

Enfim, no nosso país quem anda a pé e de bicicleta é pobre. Noutros países mais ricos que o nosso, é ao contrário. Cá há demasiados carros. E há demasiados parques de estacionamento. E quantos mais parques de estacionamento, mais carros, não é?

*Vai até à roupa novamente. Sem tirar o vestido da parte cantada, coloca adereços de cientista extraterrestre.*

É assim esta terra. Qualquer dia fica tudo derretido e enterrado. Depois têm de vir os 'atarrestres'...

**Pianista: Extraterrestres D. Alexandrina!**

... extraterrestres, para nos ajudar. Mas vão ter de escavar muito pois nessa altura já estaremos todos enterrados. Vão ter de enviar os cientistas deles para descobrirem quem nós fomos. Acho que vi isto num filme ou numa peça de teatro, já não me lembro.

*Caminha pelo palco, como quem observa a Grande Superfície Estagnada. Encontra, num canto do palco, uma caixa.*

*(Uma Tricana no Espaço, peça que escrevi e encenei no CETA, em 2008).*

Detetámos, na superfície da grande superfície estagnada, uma pequena caixa. Descobrimos que contém fragmentos de uma época há muito desaparecida... antes da nossa bendita Grande Homogeneização, acompanhados de uma mensagem escrita. Que dizia.

Tira da caixa a mensagem e lê:

Em terras de Aveiro, houve em tempos ruas ensolaradas, corridas de pés descalços, bicicletas. Vizinhas à janela, amigos a discutirem política nas esquinas. Senhoras finas, gaiatas meninas, populares donzelas. Avós e netos, de mãos dadas. Peixe fresco, peixe salgado. Vacas esquecidas no prado. Ouvimos dizer que nossas memórias querem limpar. Serve esta mensagem então para explicar. A quem esta caixa encontrar. Estes são pedaços do que foi. São lágrimas do que já era. Do que talvez regresse. Com a ajuda de algum misterioso raio de luz. Que atravesse a estratosfera.

*Guarda a mensagem. Tira os adereços de cientista. Vai até à bicicleta.*

Sabe o que eu fazia agora? Para dar a volta ao mundo já é tarde, mas ainda assim pegava na minha pasteleira, punha-lhe um cestinho à frente e punha lá o meu saquinho com uma garrafa de água e umas maçãs, comprava uma daquelas máquinas descartáveis e ia dar uma volta por aí, a tirar fotografias ao que me apetecesse. Enquanto ainda temos paisagem que se veja. Não é uma volta ao mundo, mas anda lá perto.

*Para junto ao pianista. Desmonta da bicicleta, mas fica com ela.*

Olhe, são estas ideias que andam assim na minha cabeça de um lado para o outro. Eu sei que está a pensar que estou louca? Mas olhe que não, sinto-me muito mais lúcida.

Ainda só tenho o início da peça e acho que já sei de cor:

Sou a Albertina

Moro ali naquela esquina, naquela rua ali ao lado.

Carregava a minha vida como se fosse um fardo.

Mas ultimamente ele anda mais leve. E o meu sangue ferve.

Bom agora vou-me embora. Dê cá um beijinho. E olhe a professora não veio. Volto amanhã para novo ensaio? Espere senhor Vitor que também o vou cumprimentar aí em cima. Até amanhã!

*Tira a bicicleta do palco e sai de cena. Pianista fica no centro do palco.*

**Pianista: Até amanhã, Dona Alexandrina!**